

A Lógica do CEDES

Antônio Carlos, como lhe disse ao telefone, a ADEMI soube exprimir muito bem nesta homenagem a lógica do CEDES: impessoalidade, discrição, participação e aversão ao personalismo, tanto que o troféu será entregue ao órgão e não a algum integrante seu.

Você é perfeitamente sabedor de que no CEDES instalou-se um clima infenso, até hostil, a qualquer tipo de tentativa de manifestação exibicionista.

Você tem conhecimento, também, da minha grande admiração intelectual por *Port-Royal*.

Não vou aqui discorrer, detalhadamente, sobre a história de *Port-Royal*, muito cara aos franceses, tanto que em Paris, num ato de consideração, está a *Boulevard du Port-Royal*. Nem mesmo mencionarei os grandes nomes que por lá passaram. Restrinjo-me a *Port-Royal*.

Neste mosteiro de jansenistas, o qual, malgrado incertezas históricas, se estabeleceu em 1216, o destaque das suas atividades pedagógicas e intelectuais somente emergiu a partir do século XVI.

Gostaria de mencionar a lógica de *Port-Royal*, o seu modo de proceder e, desta forma, tentar estabelecer uma analogia com o CEDES.

A despeito de grandes mestres lá terem lecionado, o que acabou sobrando foi só *Port-Royal*.

Não obstante o fervor religioso desses jansenistas, perseguidos por tal razão, a ponto de despertar a indignação de Blaise Pascal, na arte de pensar eles se despojaram deste estado de espírito e a pedagogia se inclinou totalmente para o mundo da lógica e da razão.

A seleção dos preceptores era rigorosa: só ingressavam lá os piedosos, os capazes, os discretos e os desinteressados.

Guardadas as proporções, só temos no CEDES discretos, dedicados e desinteressados, um exército de Brancalone, que luta contra as adversidades e dificuldades apenas com o entusiasmo, desprovidos da estrutura administrativa necessária.

Segundo Bruno Fregni Basseto e Henrique Graciano Murachco as linhas de *Port-Royal* “partem do modo pelo qual os conceitos se combinam para a formação do juízo, segundo as três operações do espírito: conceber, julgar e raciocinar”.

A lógica de *Port-Royal* foi sintetizada de modo lapidar pela genialidade do jansenista Pascal: “o homem honesto deveria evitar dizer seu nome e até mesmo os pronomes eu e mim”.

Seria absolutamente desonesto e cabotino referenciar qualquer participante desta gestão do CEDES, pois esta e o trabalho desenvolvido dependeram de todos.

Ao fim dela, pelo menos tal princípio, trasladamos de *Port-Royal* para o CEDES, pois seus integrantes “só falam nos autos”.

Abraço cordial do

Carlos Eduardo Passos